

# Zé Gomes e o Maracatu Indiano: famoso e ilustre no seu tempo, desconhecido entre os maracatuzeiros da atualidade

Ivaldo Marciano de França Lima – UEBA

## RESUMO:

Zé Gomes foi a principal liderança do Maracatu Indiano. Suas proezas a frente de seu maracatu lhe renderam legitimidade tanto entre os que pertenciam ao seu grupo, bem como aos que eram de outros maracatus. Este trabalho objetiva discutir a performance e as estratégias quotidianas de Zé Gomes, com o intuito de entender como os maracatuzeiros do Recife dos anos 1960 e 1970 atuavam e agiam em busca de legitimidade e inserção social. Objetiva-se igualmente analisar os diferentes mecanismos e processos de constituição da memória entre os maracatuzeiros, no sentido de refletir sobre os modos como estas são construídas, trazendo a tona questões de ordem teórico-metodológica a respeito da cultura negra, dos maracatuzeiros e seus maracatus.

Palavras chave: Maracatus nação, Carnaval, Zé Gomes, Maracatu Indiano, Cultura Negra.

## ABSTRACT:

Zé Gomes was the principle leader of the Maracatu Indiano. His prowess in front of the maracatu gave legitimacy not only to the members of the group, but also to the members of other maracatus. This essay discusses the performance and the daily strategies of Zé Gomes in an attempt to understand how black leaders in Recife during the 1960s and 1970s mobilized and actively sought the legitimacy and inclusion of their maracatus. The essay also analyzes the different mechanisms and processes of memory construction amongst the maracatu members themselves in order to reflect on how these modes are built, which leads to questions of theory and methodology regarding black culture, the maracatu members, and their maracatus.

Keywords: Maracatu Nation, Carnival, Zé Gomes, Maracatu Indiano, black culture.

Zé Gomes era o articulador de um dos muitos maracatus nação do Recife. Seu grupo era intitulado como Maracatu Indiano. Parte de suas histórias ainda é contada por uns poucos maracatuzeiros de idade avançada, que neste trabalho descreverei como “antigos”, sobretudo por assim serem conhecidos entre seus pares. Suas memórias, perpassadas pelo mito e a História, não são tão abundantes quando

comparados a outros “ilustres” maracatuzeiros, a exemplo de Luiz de França e Dona Santa.<sup>1</sup> O que explica esta diferença, mesmo considerando que em termos práticos Zé Gomes, no cotidiano, conseguia arrebanhar muitos homens e mulheres para estarem ao seu lado, diferentemente do que ocorria com Luiz de França? Bem, mas antes de tudo, o que vem a ser um maracatu nação?

O maracatu nação pode ser definido como uma manifestação cultural dotada de elementos diversos. Dispõe de dança, canto, fantasias e estilo musical próprio. Uma melhor definição pode ser tomada pelo aspecto de que a palavra ‘maracatu’ serve tanto para nomear a música feita por esta manifestação, bem como para a dança e o cortejo propriamente dito. Por falar na música, esta é cantada por um homem, denominado genericamente como mestre. Ele é acompanhado dos batuqueiros, que tocam afayas (os tambores), caixas, taróis, mineiros (espécie de ganzá) e gonguês (instrumento de ferro com uma campânula, percutida por um pedaço de madeira). Nos dias atuais há mulheres tocando instrumentos, bem como ocupando o lugar de mestre, algo impensável para o período em que viveu e atuou Zé Gomes.

Existem maracatus-nação que possuem fortes ligações com as religiões de terreiro, a exemplo da religião dos orixás (xangô – PE; candomblé – BA; batuque – RS), e até bem pouco tempo houve quem afirmasse serem eles simples extensões carnavalescas destas. No entanto, a relação dos maracatus-nação com o sagrado não se resume aos orixás, pois há grupos em que a jurema e a umbanda também estão presentes (LIMA, 2008).<sup>2</sup> E Zé Gomes era praticante da jurema, mas não dispunha do ofício de ser um sacerdote religioso. Aqui já temos duas diferenças entre ele e Luiz de França. Seriam elas suficiente para explicar a notoriedade de Luiz de França, em detrimento da memória de Zé Gomes?

Normalmente vemos vários maracatus nação desfilando no carnaval, constituídos de um cortejo real, acompanhados de um conjunto de percussão, mais conhecido como batuque. No geral suas músicas, também conhecidas por toadas, são estruturadas em uma quadra, com dois versos, constituído de uma chamada, a primeira voz, feita pelo mestre, e a resposta, a segunda voz, normalmente entoada pelos demais integrantes do maracatu. Seus personagens estão distribuídos em uma verdadeira corte real. Há o rei, rainha, príncipe e princesa, duque e duquesa, vassallos, escravos, lanceiros, baianas e damas do paço. Estas últimas trazem consigo as bonecas, também conhecidas como calungas (ANDRADE, 1982). Todos os personagens da corte costumam vir trajando fantasias ricamente adornadas.

A dança é feita de forma séria, desprovida de coreografias complexas como ocorre nas quadrilhas juninas. Porém, alguns grupos novos, a exemplo do Leão da Campina e do Aurora Africana, trazem consigo danças coreografadas, sobretudo pela grande quantidade de quadrilheiros que toma parte nestes maracatus durante o carnaval. Nestes maracatus em particular, a “seriedade” dos desfilantes é transformada em risos e outros trejeitos. As manifestações culturais dialogam e se influenciam! Sobre as invenções e reinvenções, ressalte-se que o Indiano de Zé Gomes ganhou notoriedade entre os

<sup>1</sup>Luiz de França foi o mestre e articulador de um dos grupos mais famosos do Recife, o Leão Coroado. Ainda hoje dois grupos homônimos disputam seu legado. Vários maracatuzeiros da contemporaneidade reivindicam terem sido “formados” por Luiz de França, a exemplo de Valter, mestre do Estrela Brillhante do Recife. Luiz de França faleceu em 1997 e foi o primeiro maracatuzeiro a dispor de uma pensão vitalícia da Prefeitura do Recife. Dona Santa foi rainha do antigo maracatu Elefante. Seu nome ainda ressoa em vários maracatuzeiros da atualidade. Pode-se afirmar que se trata da unanimidade entre os que integram os diferentes grupos, que ainda hoje reivindicam sua memória. Em momentos de conflito ou tensão, pode-se afirmar que um forte argumento utilizado é a frase “isto era do agrado de Dona Santa”. Conheci homens com menos de 45 anos que afirmaram ter conhecido Dona Santa. Ela faleceu em 1962, portanto, antes do nascimento da imensa maioria dos maracatuzeiros da atualidade. Dona Santa foi escolhida para ser a homenageada do carnaval do Recife no ano de 2005. No anterior foi o tema do ano letivo das escolas da rede municipal de ensino da capital pernambucana.

<sup>2</sup>Sobre a jurema, ver: (VANDEZANDE, 1975; MOTTA, 1997; BRANDÃO, 2001; SALLES, 2004; 2010; ASSUNÇÃO, 2006).

maracatuzeiros devido ao fato de estar constantemente criando novos personagens em sua corte. Nisto era, por sinal, censurado quase sempre por Luiz de França. Teríamos aqui outro indicio para explicar o quase esquecimento da memória de Zé Gomes, em uma sociedade que atribui grande apreço aos discursos voltados à ideia de “tradição”?

Os desfiles contemporâneos ocorrem em passarelas organizadas especialmente no carnaval, constituindo-se em um verdadeiro espetáculo visual. Alguns maracatus trazem em suas fileiras perto de mil integrantes, especialmente dispostos e organizados no dia do concurso carnavalesco, que geralmente ocorre no domingo de carnaval. Mas não era bem desta forma que acontecia “nos tempos” de Zé Gomes. Os grupos possuíam menor quantidade de integrantes, na maioria dos casos não chegava a uma centena. E nisso novamente Zé Gomes se notabilizou, quando conseguiu colocar seu Indiano na rua com mais de cem figurantes! Este fato, por sinal, ainda hoje repercute nas memórias de alguns maracatuzeiros antigos...

A quantidade de homens e mulheres que vestem roupas ricamente adornadas e luxuosas nos dias de hoje é parte da dinâmica atual da cidade do Recife, que desde o ano de 2004 tem na abertura do seu carnaval um encontro apoteótico de vários batuqueiros de maracatus regido pelo também afamado percussionista Naná Vasconcelos. Pode-se afirmar que os maracatus nação, nos dias atuais, se constituem em uma das mais importantes manifestações culturais, com grande visibilidade no cenário cultural, a ponto de no ano de 2014 ter se tornado patrimônio imaterial do Brasil. Estes maracatus, ao contrário dos prognósticos de morte e extinção, feitos por Pereira da Costa (1908) no início do século XX, e que foram corroborados nos anos 1960 por Katarina Real, cresceram, se multiplicaram e ganharam força em todos os sentidos. Seus toques e instrumentos musicais ganharam o mundo, sobretudo após o sucesso que obtiveram após os anos 1990.

Mas, nem sempre os maracatus nação viveram momentos favoráveis. Época houve em que mal conseguiam desfilarem no carnaval, conforme as memórias dos maracatuzeiros mais antigos e que viveram estes difíceis anos. A maior parte dos grupos não conseguia dispor de recursos suficientes. Viviam muitas dificuldades materiais, sobretudo por não terem o mesmo capital simbólico que os clubes de frevo e as escolas de samba. Estas memórias se reportam aos anos de 1960 e 1970. Estes foram anos muito difíceis para os maracatuzeiros e seus maracatus. Entretanto, um grupo se destacava neste contexto: o maracatu Indiano.

Nas memórias dos maracatuzeiros dos anos 1960 e 1970, dizia-se que o Maracatu Indiano parecia um “clube” de frevo, dado suas dimensões e importância. Em outras palavras, perante um quadro de “decadência” dos maracatus nação, que atraía poucas pessoas para suas fileiras, o Indiano poderia ser considerado uma grande agremiação, comparável aos clubes de frevo e escolas de samba. Ressalte-se que as maiores agremiações não reuniam mais do que seiscentas pessoas.<sup>3</sup> O Indiano também era reconhecido por seu afinado batuque, bem como por dispor de um presidente inovador, que a cada ano acrescentava personagens diferentes na manifestação cultural.<sup>4</sup> E Zé Gomes, de fato, conseguia agregar pessoas em quantidades significativas. Era, como já referi, articulador do Maracatu Nação Indiano, que existiu no Recife entre os anos de 1949 a 1998. Faleceu nos anos 1990, deixando a liderança do grupo nas mãos de

<sup>3</sup> Se levarmos em conta que a maior agremiação do carnaval recifense à época era a Escola de Samba Estudantes de São José, que contava com não mais do que 300 desfilantes, temos então uma aproximada dimensão do que representava o Maracatu Indiano para o contexto a que me refiro. Escola de samba lança desafio. *Diário da Noite*, 08/02/1968, p. 10.

<sup>4</sup> Entrevista com Ana Márcia, realizada em 24/04/2009, na sua residência, Arruda, zona norte do Recife.

Carmelita, esposa e mãe de alguns dos seus filhos. Seu nome ainda hoje suscita questões importantes sobre os modos como são constituídas a memória entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras do Recife.

As festas que organizava para comemorar os feitos de seu maracatu foram registradas no livro *O Folclore no carnaval do Recife*, de Katarina Real (1967). Zé Gomes e o seu grupo foram por diversas vezes campeões do concurso carnavalesco de maracatus, e sua fama era suficiente para, ao lado da não menos afamada rainha Maria Madalena, desbancar nos certames carnavalescos o mítico e ainda hoje reconhecido Luiz de França, mestre do Leão Coroado.<sup>5</sup> Entretanto, nos dias atuais, ao contrário de Luiz de França, que é reivindicado por dois maracatus homônimos e que disputam o legado do antigo Leão Coroado, Zé Gomes sequer tem sua existência lembrada pelos maracatuzeiros da atualidade, além do fato de que o seu maracatu, o Indiano, não mais existe desde o ano de 1998, quando foi as ruas pela última vez.

Uma questão deve ser posta: de que forma a história de Zé Gomes pode contribuir para compreendermos as estratégias quotidianas definidas por homens e mulheres que faziam maracatu para conseguirem se inserir numa sociedade excludente? Penso que ao compreendermos sua história também ressignificamos o lugar que em geral se atribui às práticas culturais que envolvem a vida dos homens e mulheres tidos como “populares”.

Por outro lado, tal questão não pode ser compreendida sem que sejam analisadas as formas e os modos como a memória sobre esses homens e mulheres foram construídas. Também é imprescindível analisar as estratégias e performances encenadas por Zé Gomes durante os anos 1960 e 1970, época em que esteve ao lado de Maria Madalena, famosa rainha de maracatu, falecida no ano 2000 alguns meses após o assassinato de sua neta, Rosinete.<sup>6</sup>

Dentre os maracatuzeiros e maracatuzeiras do “passado”, que atuaram nos carnavais dos anos 1960 até os anos 1990, certamente alguns nomes devem ser postos como fundamentais para que se entendam os processos de como a memória é construída. Luiz de França, Maria Madalena, Eudes Chagas, Cabeleira e Zé Gomes são alguns dos muitos personagens de uma história contada e recontada pelos mais antigos maracatuzeiros e maracatuzeiras da atualidade. Pode se dizer que dentre estes nomes o de Zé Gomes possui uma rara peculiaridade, uma vez que fora um dos mais afamados no seu tempo, nos anos de 1960 e 1970, e hoje é um ilustre desconhecido dentre os mais jovens maracatuzeiros.

Apenas alguns poucos, em sua maioria com mais de 60 anos, lembram-se de suas performances e façanhas, indicando que a memória entre os maracatuzeiros possui caminhos tortuosos em seu processo de constituição. Não basta apenas ter sido famoso em seu tempo para ser lembrado depois. Esta é uma das primeiras questões possíveis de serem postas na mesa mediante o caso deste maracatuzeiro.

<sup>5</sup>Ao longo dos anos 1960 e 1970 o Indiano foi ferrenho adversário do Leão Coroado nos certames carnavalescos. O Maracatu Indiano obteve os títulos de campeão nos anos de 1963, 1965, 1970, 1971, 1972, 1978, 1980. Foi vice-campeão nos anos de 1964, 1966, 1967, 1969, 1976, 1979, 1981, 1982, 1984 e terceiro nos anos de 1968 e 1973. A melhor colocação que este grupo obteve, após o momento de apogeu (anos 1960 e 1970), ocorreu no concurso da segunda categoria, em 1990. O Indiano sagrou-se vice-campeão. Zé Gomes já se encontrava doente nestes anos. As notícias alusivas aos concursos carnavalescos podem ser vistas em LIMA, 2010.

<sup>6</sup>Madalena nasceu nos anos 1940, em um engenho do Cabo, cidade localizada na região metropolitana sul do Recife. Ela foi rainha dos maracatus Leão Coroado, Indiano, Estrela Brilhante e Elefante. Rosinete foi esposa de Antônio Nogueira Barros, atual articulador e mestre do Maracatu Nação de Luanda. Juntos, ela e o seu ex-marido, articulavam o Maracatu Nação Elefante, que tinha Maria Madalena como rainha. Ambos constituíram um dos principais grupos que disputou com o Maracatu Nação Porto Rico, a hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras ao longo dos anos 1980 e 1990. Sua morte foi notícia em diversos jornais: Fuzilada a rainha do Maracatu Elefante. Ciúme pode ter provocado a morte da carnavalesca. *Folha de Pernambuco*, 11/07/2000, capa; Assassinada rainha do Maracatu Elefante. Ela dançou com um amigo, que levou bala e morreu. *Folha de Pernambuco*, 11/07/2000, p. 09.

E Zé Gomes era um destes homens que durante o carnaval articula e põe nas ruas uma agremiação carnavalesca denominada por maracatu.

Não era mestre maracatuzeiro, tampouco um líder religioso. Não possuía saberes específicos, a exemplo da confecção de “afaias” (tambor utilizado no maracatu), tão valorizados pelos maracatuzeiros. Mas, fora o dirigente de um dos maracatus que mais vitórias obteve ao longo dos anos 1960 e 1970 (LIMA, 2010). A que se deve o seu “esquecimento”? Comparando esta situação com a de outro ilustre maracatuzeiro, Luiz de França (articulador e mestre do Leão Coroado), exímio conhecedor de saberes e ofícios maracatuzeiros, poderíamos facilmente concluir que por não dispor de conhecimentos específicos relacionados aos saberes existentes no maracatu, Zé Gomes não conseguiu deixar seguidores ou herdeiros que cultuassem sua memória. Isto, entretanto, não deve nos bastar para que seja respondida a questão formulada. Basta pensarmos que Luiz de França ficou praticamente sem desfilantes durante os últimos anos de sua vida. A memória existente entre os maracatuzeiros não deve ser creditada tão somente aos saberes ou performances dos indivíduos. Outras questões devem ser postas em discussão.

## **INDIANO: VIGOR E PUJANÇA DE UM DINAMISMO QUE OUSAVA DESAFIAR A TRADIÇÃO**

Diversas estratégias no cotidiano diferenciavam o Indiano e Zé Gomes, do Leão Coroado e Luiz de França. Ao primeiro se atribuía vigor e dinamismo, para o Recife dos anos 1960. Zé Gomes era um empreendedor em todos os sentidos... Possuía uma mercearia, “bancos de feira”, “correr de quartos” e outros pequenos negócios que o colocavam em situação econômica privilegiada, quando comparado aos seus concorrentes contemporâneos. Possuía uma mercearia em Água Fria, o que lhe possibilitava conhecer muitas pessoas numa época em que não existiam supermercados na capital pernambucana, e o abastecimento se fazia nos mercados públicos, feiras livres e mercearias como a sua. Em uma cidade marcada pela pobreza e intensa concentração de renda, ter garantidas as refeições do dia, morar em uma casa própria e ainda dispor de recursos para o lazer era algo para poucos... E Zé Gomes dispunha dos meios que lhe permitiam barganhar com seus contemporâneos, bem como de recursos para comprar um remédio para alguém que necessitasse ou de alguma comida quando para isso fosse solicitado.

Os relatos sobre suas performances sociais mostram que além de ser considerado um homem empreendedor, Zé Gomes era uma liderança incontestável para seus companheiros e companheiras de maracatu, uma mão amiga para os momentos de aflição e ao mesmo tempo um mediador dos homens e mulheres “populares” para com a sociedade recifense dos anos 1960 e 1970. Xoxo, atual articulador do Maracatu Nação Gato Preto, recorda de Zé Gomes e da época em que esteve neste maracatu:

(...) Xoxo: Ele negociava. Zé Gomes tinha muita coisa que negociava, muitas casas.

IVALDO: Aonde eram essas casas?

Xoxo: Lá no Alto mesmo. Alto do Deodato.

IVALDO: E ele negociava com quê?

Xoxo: Cereais. Na feira: farinha, feijão.

IVALDO: Tinha um banco de feira?

Xoxo Naquele tempo tinha feira no Arruda como ainda tem. Está pequena, mas ainda tem, não é?

IVALDO: E onde é que ele negociava, na feira...

Xoxo: Na feira do Arruda.

IVALDO: Chegou a ter alguma coisa, além disso? Mercearia, bar, restaurante?

Xoxo: Era o maracatu, um banquinho de negociar e os aluguéis da casa dele.

IVALDO: E ele sempre foi casado com Carmelita, quando você conheceu?

Xoxo: Eu conheci ele com Carmelita, com muito filho. Agora o povo dizia que ele tinha várias mulheres.<sup>7</sup>

Diferentemente de outros maracatuzeiros, Zé Gomes não era sacerdote religioso e nem dispunha de terreiro. Entretanto, possuía filiações com a jurema e a religião dos orixás:

[...] IVALDO: Zé Gomes tinha algum envolvimento com a religião?

MÁRCIA: Tinha.

IVALDO: Orixá?

MÁRCIA: Tinha. Zé Gomes tinha uma mãe de santo dele com o nome de Malva. Deve estar viva ela, mora no UR-6. Era mãe de santo também de Carmelita. E antes de Malva quem fazia as coisas para o Indiano era Senhora Brígida.<sup>8</sup>

Zé Gomes, por sinal, pode ser percebido como um maracatuzeiro bastante dinâmico, uma vez que organizava festas para os seus integrantes e sabia buscar recursos com o poder público, seja sob a forma de apresentações, ou de doações propriamente ditas. Katarina Real descreveu uma destas festas, provavelmente ocorrida em 1965:

[...] Numa festa da vitória que assisti no Indiano, cálculo que serviram quase 300 pessoas, tendo preparado dois porcos inteiros e mais de cinquenta galinhas. Comida muito saborosa, toda preparada pelo pessoal do grupo. Uma festa linda, alegre, com muita cerveja e aguardente para todos, e até uns “uísques” para “os doutô” (REAL, 1967, p. 81 – 82).

Estas articulações e dinamismo eram, segundo Armando Arruda, resultados de suas experiências como militante de grupos políticos e do sindicato dos estivadores:

[...] ARMANDO: Compadre Zé Gomes eu já conhecia de muito tempo, porque a gente sempre foi de esquerda. No governo do doutor Arraes, em sessenta e um, sessenta e dois, aliás, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, a gente batia de frente com esse pessoal. [...] Batia de frente mesmo. Eu não tinha dinheiro para contratar capanga, tinha uns companheiros estivadores, que eram também da esquerda. Compadre Zé Gomes era esquerda. Aí compadre Zé Gomes juntava a esquerda, quando a gente chegava lá a gente era mais. O pessoal vinha de graça, vinha pela amizade. A gente tocava o pau nos cabras da direita. Isso desde aquela época, repara que faz um tempão.

<sup>7</sup> Entrevista com Amaro da Silva Vila Nova, conhecido como Xoxo, realizada em 09/04/2009, na sua residência, no Alto do Rosário, zona norte do Recife.

<sup>8</sup> Entrevista com Ana Márcia, realizada em 24/04/2009, na sua residência, Arruda, zona norte do Recife.

ARMANDO: [Zé Gomes] era da estiva e era do sindicato dos estivadores. Era delegado sindical. Aí pronto, quando tinha qualquer coisa, eu: “olhe compadre, junta a turma que a gente vai hoje, vai dar um auê”. Até quando Dom Helder estava aqui, numa vinda de Ulisses Guimarães, compadre Zé Gomes já velho ainda ligou para a sede do sindicato... Ainda levei uns quatro, seis, oito estivadores com a gente. Quando o cara tinha marcado de dar um pontapé em Dom Helder, levou um chute no baixo ventre, aí a negrada de estivadores entrou, fez um cerco em Dom Helder e a gente foi levar Dom Helder lá na Rua das Fronteiras, onde ele morava, na Igreja das Fronteiras.<sup>9</sup>

Além das memórias de Armando Arruda, não disponho de mais informações sobre esta questão, mas não seria de se estranhar que seja verídico, pois não se pode pensar nos maracatuzeiros como sujeitos alheios às disputas político-partidárias do período. Não obstante, esta relação é mais presente na organização do carnaval, como uma constante troca de favores e votos. Zé Gomes sabia tratar bem as pessoas, segundo os seus contemporâneos... Não possuía o capital simbólico de um “pai de santo”, ou de um maracatu com data de fundação antiga, mas sabia mexer bem as peças no seu jogo. Em outras palavras, Zé Gomes dispunha de imenso capital simbólico entre seus pares (BORDIEU, 1989). As palavras de Ana Márcia, por sinal, constituem excelente forma de descrever este maracatuzeiro:

[...] MÁRCIA: Zé Gomes era dono do Indiano e tinha amor ao maracatu. Luiz de França não se compara com Zé Gomes. Zé Gomes dava tudo pelo maracatu. Zé Gomes sabia tratar as pessoas bem dentro do maracatu. Você quer saber? O Indiano, lá em cima, no Alto Deodato. A gente morando em Jordão. Rompia o ano, no dia cinco de Janeiro a gente se mudava para dentro do Indiano, eu, meu pai e mainha. A família da gente tudo aqui, ficava meu pai lá na sede e eu vinha-me embora para a casa dos meus irmãos, para casa de minhas irmãs, da minha irmã mais velha. Tudo Zé Gomes fazia, não deixava faltar nada para meu pai. Zé Gomes não sabia nem o que era um bombo, porque tudo quem resolvia era pai. Luiz não fazia isso por ninguém, Luiz não gostava de dar de comer a ninguém. Se um dia Luiz, eu acho, a pessoa passasse uma semana na sede trabalhando com maracatu, tinha que levar a sua marmitta de casa. Zé Gomes não. Se Zé Gomes estivesse vivo o Indiano ainda estava em pé. Quem estragou o Indiano foi o pessoal de cá. Zé Gomes era um Zé Gomes mesmo. Era maracatuzeiro com amor. Hoje é difícil, você não acha?

MÁRCIA: Zé Gomes era aposentado.

IVALDO: Aposentado de quê?

MÁRCIA: Ah, isso eu não sei. Não me lembro.

IVALDO: Além disso, ele ganhava o pão de que maneira?

MÁRCIA: Tinha barraca, tinha venda... Tudo ele acabou para botar dentro do Indiano.

IVALDO: Ele era negro, branco?

MÁRCIA: Zé Gomes? Era branco.

MÁRCIA: O Zé Gomes era casado com Maria, a primeira esposa de Zé Gomes. Depois quando Maria... Ele morava com Maria lá na casa dela, que era aquelas brigas das mulheres. E com Maria estava ali. Quando Maria faleceu, ele ficou com Madrinha Carmelita.

IVALDO: Então Zé Gomes sabia tratar bem as pessoas?

MÁRCIA: Sabia, com certeza.

<sup>9</sup>Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife.

IVALDO: Cuidava das roupas.

MÁRCIA: Tudo, tudo. Ele ia para Jordão no mês de São João me buscar. Porque eu tinha que ir como minha mãe. Madrinha Carmelita, a gente ia para a cidade e ela escolhia a roupa dela de rainha e a minha roupa. Zé Gomes sabia ter maracatu.

MÁRCIA: Carmelita veio ser rainha depois que pai morreu. Mainha deixou, também não quis mais saber.<sup>10</sup>

Além de muito habilidoso, Zé Gomes tinha ao seu lado ninguém menos do que Maria Madalena, a rainha que estava permitindo ao Maracatu Indiano disputar a hegemonia com o Leão Coroado nos anos 1960, e que se apresentava como o continuador do Elefante de Dona Santa. Com a presença de Madalena nas fileiras do Indiano, este agora era um maracatu “verdadeiro” e “tradicional”, apto a substituir o Maracatu Elefante de Dona Santa, na perspectiva de manter as “tradições” africanas no carnaval recifense, tomando para si o legado e o capital simbólico do extinto maracatu e de sua falecida rainha, conforme podemos observar em artigo publicado por Paulo Viana, criador da Noite dos Tambores Silenciosos e jornalista do *Diário da Noite*:

**‘O maracatu Indiano restaura o prestígio e as genuínas características do tradicional ritmo trazido da África para o carnaval pernambucano’**, declarou a este colunista a snra. Maria Madalena, ‘rainha’ daquela ‘nação’ e que procura estabelecer a verdade e pôr fim a essa ‘fofoca’ criada entre aquele conjunto e o maracatu ‘Leão Coroado’ [...] a pedido de vários amigos assumi a presidência do Maracatu Indiano, retirei-o do local impróprio em que era sediado, **acabei com a orquestra que funcionava nele, transformando num legítimo maracatu de ‘baque virado’ como é certo** [...] desde então, agora já como rainha do maracatu Indiano, vem dando todo o seu esforço para integrar a ‘nação’ na sua verdadeira característica, compondo os seus cordões com as figuras representativas de uma ‘corte’ [...].<sup>11</sup>

Não disponho de outros elementos que me permitam discorrer sobre as representações do continente africano entre os maracatuzeiros do período, mas certamente a alcunha de “africano” foi uma tônica constante em diversos outros artigos publicados por Paulo Viana nos jornais em que trabalhou ao

<sup>10</sup>Entrevista com Ana Márcia, realizada em 24/04/2009, na sua residência, Arruda, zona norte do Recife. Ana Márcia dos Santos, ou simplesmente Márcia, nasceu em 02/08/1963. É filha de Natércio e Dona Gersi. Seus pais pertenceram a vários maracatus diferentes, desde os anos 1950. Márcia é atualmente sacerdote religioso (yvalorixá). Seu irmão, Arlindo Santos, é o atual articulador do Maracatu Nação Cambinda Africano, fundado por Natércio quando este ainda era o mestre do batuque do Maracatu Nação Indiano. Natércio foi o mestre do Maracatu Indiano no seu momento de auge, dos anos 1960 até o ano de sua morte, em 1978.

<sup>11</sup>O brinquedo maracatu Indiano agora é quem manda brasa. *Diário da Noite*, 19/02/1965, p. 07. O texto é de Paulo Viana. Os negritos são de minha autoria.

longo de sua vida.<sup>12</sup> José Gomes era o principal articulador do Maracatu Indiano. Junto com Madalena conseguiu aglutinar um considerável número de pessoas, a ponto de ainda hoje ter marcado a grandeza do grupo nas lembranças de vários maracatuzeiros e maracatuzeiras, a exemplo de Ana Márcia:

[...] O Indiano lá em cima, no Alto do Deodato, nunca ficou fraco. Era um maracatu-clube, que a gente via a bandeira lá na frente e lá em baixo via o batuqueiro. É. Clube, maracatu-clube. [...] Eu ouvi a expressão ‘parece um cubre’. Fiquei querendo saber porque era ‘cubre’. Depois foi que eu vim... cubre, clube. Clube porque era grande, não é? [...] Muitos batuqueiros. Saía completo, porque hoje tem primeira princesa e segunda princesa. Naquele tempo, no meu tempo, não existia primeira nem segunda princesa. Era duquesa, condessa, princesa e rainha. Tinha essas quatro pessoas, esses quatro par. Hoje a gente vê primeira, segunda, terceira, uma tuia de princesa. Mas antigamente não tinha isso não.<sup>13</sup>

Zé Gomes era um grande estrategista do cotidiano. Segundo alguns informantes, não era conhecedor profundo das práticas e do fazer maracatuzeiro, mas conseguia aglutinar ao seu redor homens e mulheres que auxiliavam-no na confecção de fantasias, instrumentos musicais e outros adereços indispensáveis para um desfile de maracatu. A grandeza e força de Zé Gomes é inversamente proporcional ao seu esquecimento na atualidade. Seu maracatu, o Indiano, não desfila desde 1998, e sua viúva, Carmelita, não conseguiu reunir forças para levar o grupo a frente. Tanto ela como ele morreram sem deixar seguidores, o que de certa forma corrobora para o esquecimento em que se encontram.

O Maracatu Indiano se apresentava como um dos mais fortes e foi aquele que mais arrebatou títulos no concurso carnavalesco de maracatus organizado pela prefeitura da cidade do Recife ao longo dos anos 1960 e 1970. Quando do episódio de falecimento da rainha do Elefante, Dona Santa, culminando com a extinção deste grupo, Zé Gomes conseguiu contratar a maior parte dos seus batuqueiros, segundo as memórias de Katarina Real (2001, p. 56), fato este não confirmado por Ernesto Carvalho (2007, p. 78). Mesmo não gozando do sentido de “pureza” ou de autêntica “nação africana”, como gostava de frisar Katarina Real em seus trabalhos, o Maracatu Indiano trazia agora uma peça fundamental nesta disputa pela hegemonia dos maracatus no contexto pós-morte de Dona Santa: Madalena, que até então era rainha do Leão Coroado, passou a integrar o maracatu Indiano.

<sup>12</sup>Paulo Viana nasceu em 1922. Considerava-se negro e afeito ao “mundo das agremiações carnavalescas”, Formado em sociologia pela UFPE, exerceu principalmente a atividade de jornalista e trabalhou em diversos jornais pernambucanos, a exemplo do *Diário da Noite*, *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*. Fundador do Sindicato dos Jornalistas e por vários anos presidente da Associação de Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR), foi o principal responsável pela criação da Noite dos Tambores Silenciosos. Sua atuação política era intensa e sua influência nas esferas políticas era significativa, uma vez que através da ACCR integrou por várias vezes a COC (Comissão Organizadora do Carnaval), órgão responsável pela organização e controle do carnaval recifense até os primeiros anos da década de 1970. Faleceu no dia 30/11/1987. A matéria publicada no Diário de Pernambuco, noticiando seu falecimento, indica alguns detalhes de sua trajetória: Tambores silenciam: morre o folclorista Paulo Viana. *Diário de Pernambuco*, 01/12/1987, p. a11.

<sup>13</sup>Ana Márcia dos Santos, ou simplesmente Márcia, nasceu em 02/08/1963. É filha de Natércio e Dona Gersi. Seus pais foram de vários maracatus diferentes, desde os anos 1950. A entrevista foi feita em sua residência, localizada no Arruda, no dia 24/04/2009. Márcia é yalorixá na atualidade, irmã de Arlindo Santos, atual articulador do Maracatu Nação Cambinda Africano, fundado por Natércio quando este ainda era o mestre do batuque do Maracatu Nação Indiano.

Muitos batuqueiros, um séquito de desfilantes e um grande estrategista de seu tempo: Zé Gomes. Eis as armas do Maracatu Indiano, que segundo Paulo Viana, o “Maracatu Indiano agora é quem manda brasa”.<sup>14</sup> E de fato Luiz de França sentiu a força de seu oponente, tanto que em outra matéria de jornal, também escrita por Paulo Viana, se mostra ressentido com a situação, mas apresenta sua exímia habilidade em lidar com os homens de poder e com as palavras bem aceitas em sua época: antiguidade, tradição... Quem foi que disse que os ditos “populares” não possuem estratégias e táticas para a sua vida cotidiana? Outra citação longa, mas, creio que por sua riqueza vale à pena lê-la na íntegra:

[...] Encontrei o preto ‘Zé Luiz’ – juiz da Irmandade de São Benedito e presidente do Maracatu ‘Leão Coroado’ – num dos corredores do antigo D.D.C, aborrecido, gesticulando e dizendo cobras e largatos [sic] do pessoal do Maracatu Indiano. Acerquei-me de perto e indaguei de que se tratava. – Não é, ‘seu’ Paulo, esse pessoal do Maracatu Indiano anda dizendo por ai que são os sucessores de minha ‘madrinha’ Dona Santa. Já viu? Um maracatu de ontem [fundado em 1947], sem tradição e sem história, querer botar o ‘Leão Coroado’ p’rá trás... Retruquei ‘Zé Luiz’ parodiando uma marchinha muito em voga: deixe isso p’rá lá! Deixa que falem, que xinguem, que digam... Que é que tem? Ninguém vai desbancar o seu ‘Leão Coroado’. O bom do preto ‘Zé Luiz’ fuzilou-me com seus olhos avermelhados e sentenciou: - o que tem? Eles não sabem, que minha ‘madrinha’ Santa antes de ser rainha da ‘Nação do Elefante’ empunhou o cetro do Maracatu Leão Coroado, quando ela tinha apenas 18 anos de idade... Eles não sabem que o meu Maracatu completou 101 anos de existência. Agora começam com essa ‘onda’ que está prejudicando seriamente o meu ‘brinquedo’. Vou tomar providências enquanto é tempo. Na defesa do que chamava seu ‘patrimônio sentimental’ ‘Zé Luiz’ não aceitava ponderações. Continuou vociferando, a gesticular para o Jofre, Manuel Gadelha e Santiago afirmando que iria levar o ‘caso’ ao conhecimento do Conselho da Federação. ‘Um maracatu de ontem – concluiu – que até bem pouco tinha até instrumento de sopro no seu batuque, quer agora se meter a besta. Aliás, eu nunca vi maracatu de índio com baque virado...’.<sup>15</sup>

Os tempos estavam começando a ficarem mais difíceis do que já eram para Luiz de França. E de fato o Indiano mandou mesmo brasa naquele ano, sagrando-se o grande campeão da temporada e deixando o Leão Coroado em segundo lugar.<sup>16</sup> **Não estava fácil disputar com um habilidoso estrategista, comerciante de estivas, frutas e verduras em Água Fria, com uma exímia e carismática mãe de santo, profundamente articulada com iminentes pais e mães de terreiros recifenses, e uma significativa plêiade de colaboradores das classes mais abastadas. Eis algumas das armas do Maracatu Indiano,**

<sup>14</sup>O brinquedo maracatu Indiano agora é quem manda brasa. *Diário da Noite*, 19/02/1965, p. 07.

<sup>15</sup>Ciumadas de folião, carnaval à vista. *Diário da Noite*, 27/01/1965, p. 02. (o texto é de Paulo Viana).

<sup>16</sup>Estudantes de S. José, Índios Tabajaras e o Maracatu, Indiano vitoriosos no desfile da C.O.C. *Diário da Noite*, 03/03/1965, p. 02.

que nas memórias de vários dos meus entrevistados é apontado como uma grande agremiação, que chegou a desfilar com aproximados cem integrantes na passarela.<sup>17</sup>

## ZÉ GOMES E MADALENA: A DISPUTA PELA HEGEMONIA NOS ANOS 1960

Bem, ao certo, sabe-se que Zé Gomes tem em Madalena importante trunfo para obter a legitimidade entre os carnavalescos de modo geral, e isto pode ser percebido com o título conquistado frente ao Leão Coroado em 1963, logo após a morte de Dona Santa, e as matérias alusivas ao novo caminho trilhado pelo Indiano ao longo dos anos 1960. Paulo Viana comenta, em algumas matérias de jornal, sobre a “nova escolha” do Indiano e de como este agora era um maracatu verdadeiro.<sup>18</sup> E não se pode negar a força que o Indiano tomou após a entrada de Madalena no grupo. Por sinal, a ela são atribuídas as mudanças na identidade do maracatu, o que nas memórias de Antônio Roberto são assim descritas:

[...] ROBERTO: Ela foi para o Indiano porque se desentendeu com o Seu Luíz, né? E nesse desentendimento, ela pediu para ele tirar o maracatu Leão Coroado da casa, e seu Luíz levou tudo do maracatu... Aí, ela foi convidada para ir para o maracatu Indiano, que o maracatu Indiano tinha até um apelido que o povo chamava ele lá: Dedada. [risos] Apelido que o povo põe. Aí ela chegou e o Indiano não era nem maracatu de baque-virado, era maracatu rural. Aí Dona Madalena passou ele de rural para baque-virado. Sabe como é, né? Um maracatu que era rural, aquele de lança, né? De caboclo de lança, passou a ser... Mas ela falou “Não, se quiser colocar ele na rua, você vai ter que fazer de baque-virado e eu vou ser a rainha e pronto.” E ela ficou a rainha e...<sup>19</sup>

Madalena impõe novo formato ao Indiano. Propicia a ele as condições para que disputasse a hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras frente ao Leão Coroado de Luiz de França. Por terem sido estas escolhas recentes é que talvez Katarina Real trate Zé Gomes com uma importância menor quando comparado com Luiz de França em relação ao episódio de fundação do novo maracatu de Eudes Chagas, o Porto Rico do Oriente (REAL, 2001).<sup>20</sup>

O que fez Zé Gomes para atrair Madalena ao Indiano? E por que razão aquela escolhera este maracatu? Uma das possíveis explicações reside na oportunidade de Madalena em aparecer para a sociedade como uma rainha “autêntica” “salvando” um maracatu “distorcido” para o caminho da “tradição”. Eis a questão: uma mulher negra e pobre, “salvando” um maracatu de um caminho tortuoso e que não corroborava na “manutenção das tradições”. Eis uma excelente oportunidade para Madalena se apresentar a sociedade como uma legítima maracatuzeira, e de quebra ainda obter dividendos com a Federação Carnavalesca, que se empenhou em pressionar os grupos identificados com o modelo de maracatu do tipo orquestra para que se transformassem em baque virado.

<sup>17</sup>Ver nota 3.

<sup>18</sup>O brinquedo maracatu Indiano agora é quem manda brasa. *Diário da Noite*, 19/02/1965, p. 07. (texto de Paulo Viana).

<sup>19</sup>Entrevista com Antônio Roberto Barros, realizada em sua residência, em 30/05/2009.

<sup>20</sup>Ver especialmente o capítulo intitulado “a reunião com os africanos”.

Por acaso, foi esta a situação por que passou o Indiano. Pressionado a modificar sua identidade rítmica, passando de orquestra para baque virado. Creio que Madalena, além disso, pensava em se apresentar nesta sociedade como aquela que sucedeu Dona Santa. E para isto se colocava como aquela que foi escolhida pela própria, antes de sua morte. As discussões sobre a construção das performances, encetadas por Turner (1987) e Schchner (1988), mostram o quanto de negociação existe na constituição das personalidades dos atores sociais (SILVA, 2005). Não nos esqueçamos também do fato de que o Indiano estava localizado no Alto do Deodato, próximo da residência onde morava Madalena, no Alto do Pascoal. Eis alguns dos pontos fortes para que Madalena escolhesse o Indiano como maracatu.

Bem, o certo é que nos anos 1960, em meio as fortes disputas entre o “frevô” e o “samba”, o Indiano e o Leão Coroado estão buscando as estratégias e os caminhos para a construção da primazia entre os maracatuzeiros e seus maracatus, e por que não dizer, a supremacia entre os seus congêneres. Eis a constituição dos dois principais campos, no período pós Dona Santa: um capitaneado por Zé Gomes, e que a meu ver representava um pouco do dinamismo existente entre os maracatuzeiros da época, e o outro articulado pelo Leão Coroado. Estes dois maracatus se alternavam como campeões, e eram indubitavelmente os maiores grupos em atuação no período. Madalena permaneceu no Maracatu Nação Indiano até o carnaval de 1972. Sobre a saída de Madalena do Indiano, Ana Márcia recorda:

[...] MÁRCIA: Saiu confusão dela com Zé Gomes e Madrinha Carmelita... Ela foi para o Estrela Brillhante [...] Confusão por causa de besteira dela mesmo, de Madrinha Carmelita. De Zé Gomes não. Com tudo ela pegava com todo mundo. Ninguém fazia o bom para ela. Só quem fazia o bom era ela. É até errado, porque ela [Carmelita] já morreu e eu falando isso. E Madalena se chocou e saiu. Com ela foi Rosinete, o príncipe que saía comigo, que depois disso passou Marcos ser, o filho de Carmelita, ser o príncipe. E ela levou o pessoal dela.

IVALDO: Era muita gente?

MÁRCIA: Era.

IVALDO: Retomando a história da saída de Madalena, quantos anos você tinha quando isso aconteceu, você lembra?

MÁRCIA: Ah, nesse tempo que Madalena saía eu tinha uns dezoito anos. Nessa faixa mesmo, uns dezoito anos. Ela saiu, entregou, passou a ordem para a minha mãe ser a rainha.

IVALDO: Ela indicou a sua mãe?

MÁRCIA: Indicou. Indicou a minha mãe de ser a rainha. Nesse tempo saiu Jajá, que era muito com Madalena. E ela disse que não queria que ninguém viesse, que ela ia sair só, ia dar essa força a Cabeleira. Mas que ninguém acompanhasse ela, porque dentro do maracatu tinha pessoas dela, que era muitos filhos-de-santo dela. Mas alguns ficaram e outros foram.

IVALDO: Mas ela saiu brigada com o Zé Gomes, inimiga do Zé Gomes?

MÁRCIA: Inimiga, brigada.

IVALDO: Já nesse tempo Luiz de França e o Leão Coroado... como é que estava o maracatu dele, forte, fraco?

MÁRCIA: Estava forte. Não tão forte, mas estava forte.

IVALDO: Quem brigava mesmo pelo campeonato passou a ser Estrela e Indiano?

MÁRCIA: O Indiano, eu me lembro que o Indiano foi três vezes campeão seguido. Três anos, tricampeão.

IVALDO: Com Madalena ou sem Madalena?

MÁRCIA: Com Madalena e depois sem Madalena. Eu me lembro que nesse ano que o maracatu ganhou a gente foi para Água Fria.<sup>21</sup>

O Maracatu Indiano, assim como o Leão Coroado, continuou existindo, apesar das fortes perdas que sofreu com a saída de Madalena. Não se pode negar, entretanto, que Zé Gomes, diferente de Luiz de França, foi mais hábil no sentido de manter seu grupo coeso, conforme se percebe nas conquistas que teve ao longo dos anos 1970. Estes, por sinal, eram os momentos em que Indiano e Estrela Brilhante disputavam a hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras. Após a vitória do Leão Coroado e de Luiz de França no ano de 1973, este grupo novamente enfrentou forte crise, passando mais uma vez para o local secundário, em um contexto fortemente disputado por Estrela Brilhante, agora articulado por Madalena e José Martins, e pelo Indiano, dirigido por Zé Gomes. Este último sentiu na pele o preço de ter permitido a saída de Madalena do seu grupo: por três anos seguidos (1975, 1976 e 1977) o Estrela Brilhante de Madalena sagrou-se campeão, ficando o segundo lugar disputado ora pelo Leão Coroado (1975 e 1977)<sup>22</sup>, ora pelo Indiano, que só veio conquistar um título em 1978, deixando Madalena e o seu Estrela Brilhante em segundo lugar.<sup>23</sup>

Após a morte de Dona Santa, no ano de 1962, os maracatuzeiros e as maracatuzeiras sofreram os efeitos de um contexto plenamente desfavorável para a manutenção de seus grupos e atividades. Mas, isto não significa dizer que eles e elas estavam à beira da morte, pois se com o desaparecimento de Dona Santa aumentaram os anúncios e prognósticos de que os maracatus iriam se acabar, Luiz de França e Zé Gomes, ao seu modo, empreenderam ações no sentido de darem continuidade aos seus grupos. Os anos em questão correspondem ao momento da morte de Dona Santa, ocorrido em outubro de 1962, e ao carnaval de 1972, o último em que Madalena desfilou pelo Indiano como rainha, de onde saiu devido as suas divergências e disputas com Zé Gomes e os seus familiares.

Depois da morte de Dona Santa, e o conseqüente desaparecimento do Elefante, o Leão Coroado de Luiz de França era considerado o mais antigo maracatu em atuação, e sua data de fundação remontava ao início da segunda metade do século XIX (1863), o que lhe conferia o estatuto de um “autêntico” e “legítimo” maracatu “africano”. Se o Leão Coroado era um maracatu “tradicional”, o Indiano era forte, dinâmico e contava com a participação de muitas pessoas. Tratava-se de um maracatu “revolucionário” para os anos 1960, sendo ainda hoje lembrado como imenso quando desfilava pela passarela. As histórias que ouvi sobre este maracatu, através de diversos maracatuzeiros, me levam a estabelecer comparações com outras modalidades de agremiações que existiam na época. Nas memórias de Dona Gersi, o Indiano levava mais de cem pessoas para a “Federação”, e isto em um contexto em que as escolas

<sup>21</sup>Entrevista com Ana Márcia dos Santos, realizada em sua residência, no dia 24/04/2009.

<sup>22</sup>Gigantes e Estudantes não ganham o carnaval. *Jornal da Cidade*, 26/02 a 04/03/1977, p. 20.

<sup>23</sup>Na briga do carnaval deu coluna do meio. *Jornal da Cidade*, 11 a 17/02/1978, p. 09.

de samba atraíam mais atenções.<sup>24</sup> E a maior escola de samba do período era Estudantes de São José, a rival de Gigantes do Samba, que levava para a passarela em torno de 300 figurantes.<sup>25</sup>

Observem atentamente: em anos difíceis, com dificuldades diversas, o Indiano congregava provavelmente algo em torno de cem ou mais desfilantes. Eis a principal razão para que Luiz de França se sentisse constantemente ameaçado por este maracatu liderado por Zé Gomes e Maria Madalena. E este era o melhor caminho a ser seguido por ambos, combinando o legado da “tradição”, performatizada por Madalena, com as inovações que eram indicadas pelo dinamismo de Zé Gomes. Madalena estava usando de suas armas para enfrentar o habilidoso Luiz de França na disputa por espaços e legitimidade em uma sociedade fortemente marcada pelo conservadorismo, bem como por intelectuais, em sua maioria defensores da ideia de tradição imutável, transmitida de pai para filho, baseada na repetição acrítica. Ela “transformou”, enquadrando o maracatu no estilo do baque virado, redefinindo a identidade do grupo, como forma de se colocar para a disputa com o Leão Coroado nos anos 1960.

Outros maracatus também estavam “se transformando”, a exemplo do Almirante do Forte e do Cambinda Estrela, ajustando-se às demandas colocadas por grande parte dos intelectuais, folcloristas e jornalistas da época. A Federação Carnavalesca impusera a condição para os maracatus de “orquestra” de se transformarem para baque virado como forma de receberem mais recursos e melhor condição no carnaval (LIMA, 2008). Era preciso “ajustar” o Indiano, adequá-lo para o contexto vivido. E Madalena afirmava isso de modo textual: [...] **acabei com a orquestra que funcionava nele, transformando num legítimo maracatu de “baque virado” como é certo [...].**<sup>26</sup>

Os trabalhos de Nobeit Elias foram importantes para que eu compreendesse os movimentos de Madalena, Zé Gomes e Luiz de França neste contexto. Suas práticas, ações e gestos eram marcados pela busca do diálogo com a sociedade em que viviam, como forma de serem reconhecidos e legitimados como maracatuzeiros (ELIAS, 1994 a; 1994 b; 2001; NEIBURG, et al, 2001). Tanto o Maracatu Indiano, como o Leão Coroado necessitavam serem vistos como grupos tradicionais, mantenedores de práticas e costumes de um passado imemorial. No que tange a esta questão, ninguém melhor do que Luiz de França encarnou esta performance de “homem da tradição”, mas nem por isso Madalena ficou atrás, seja por sua atuação como rainha maracatuzeira ou mãe de santo. Em artigo publicado na coluna *Carnaval à vista*, sob a responsabilidade de Paulo Viana, de 1964, podemos perceber a forma como o Maracatu Indiano estava sendo apresentado à sociedade, um grupo que se ajustava à tradição, a partir das gestões de Madalena:

Carnaval à vista.

O ‘Maracatu Indiano’ é uma tradição do carnaval pernambucano que, agora, vai se reintegrar no estilo originário dos conjuntos de sua categoria.

<sup>24</sup>Dona Gersi foi esposa de Natérsio e de Luiz de França. Acompanhou a mudança do Leão Coroado da Vila São Miguel para o Córrego do Cotó. É a mãe de Arlindo, o atual articulador do Cambinda Africano, e de Ana Márcia, que por muitos anos desfilou no Leão Coroado e no Indiano. É tia de Jacira, que foi desfilante do Leão Coroado e Elefante de Dona Madalena, e atualmente é princesa do Cambinda Estrela. Ou seja, Gersi faz parte de uma rede em que o maracatu e laços de parentesco se cruzam mais de uma vez.

<sup>25</sup> Escola de samba lança desafio. (300 figurantes na Estudantes!). *Diário da Noite*, 08/02/1968, p. 10.

<sup>26</sup> O brinquedo maracatu Indiano agora é quem manda brasa. *Diário da Noite*, 19/02/1965, p. 07.

INDIANO VAI RESSURGIR COMO MARACATU AUTÊNTICO.

**Tivemos a grata satisfação de constatar que o ‘Maracatu Indiano’ se enquadrou dentro do estilo tradicional dos conjuntos de sua categoria.** Há algum tempo, tínhamos visto descaracterizado, incluindo fanfarra no seu préstito, quando deveria sua orquestra ser apenas batuque. **Trata-se de uma agremiação relativamente nova,** fundada em 1949, por isso mesmo, talvez, tenha sofrido influências reformistas tanto no sistema de apresentação quanto na marcação da ginga, uma vez que esta era marcada por instrumental de sopro e rufar de caixas [tarós]. **O novo ‘Maracatu Indiano’ que apreciamos voltou às suas verdadeiras e autênticas origens. Encontrou-se.** Maracatu é dança profana de negro; e dança de negro só se compreende marcada por ‘baque’ e executada em círculo. **Isso é digno de registro porque só estávamos contando com o ‘Maracatu Leão Coroado’ como interpretação autêntica e genuína do ritmo trazido da África para as senzalas.** Agora, já no carnaval de 1963, esta agremiação marcará uma nova fase de sua existência.<sup>27</sup>

O leitor e a leitora devem estar se perguntando sobre os motivos dessa matéria. E devem também ficar indagando sobre os pretextos que levavam estas pessoas a abrirem mão de algumas práticas e costumes, substituindo-as por outras. Quais os motivos? O que os moviam? Pensando as disputas existentes nos anos 1960 entre o Indiano de Zé Gomes e o Leão Coroado de Luiz de França, podem-se entender algumas destas questões, que foram retratadas como simples disputas carnavalescas.<sup>28</sup>

As fortes rivalidades pela primazia entre os maracatuzeiros talvez ajude a entender os porquês de Maria Madalena ter procurado justamente o Indiano para ser sua rainha, após ter se separado de Luiz de França, com quem viveu maritalmente por alguns anos. Madalena fora inicialmente rainha do Leão Coroado, e para este episódio revela em sua entrevista, depositada na Casa do Carnaval, que foi ela quem fez tudo que se precisava nesse maracatu. O seu lugar, nesse sentido, é de “restauradora” da “tradição”. Luiz de França retruca, e afirma que se Madalena fazia maracatu, devia mesmo esse favor para ele... No meio do caminho e das intrigas sabe-se que Luiz de França de fato estava iniciando sua trajetória no mundo dos maracatus, uma vez que assumira o Leão Coroado nos anos 1950, e possivelmente buscou em Madalena, uma jovem mãe de terreiro, apoio para fortalecer sua posição no Leão Coroado. Outro que lhe serviu de apoio foi Natérsio, que segundo as memórias de Dona Gersi, foi quem ensinou tudo sobre maracatu para Luiz de França, como já vimos.

Em meio às disputas que se iniciaram após a separação entre Madalena e Luiz de França, ocorrida no início dos anos 1960, esta vai à busca do Indiano, para somar esforços junto a Zé Gomes, o maior rival de Luiz de França, sobretudo nos anos 1960 e 1970. Talvez estas disputas ajudem a entender os motivos

<sup>27</sup>“Indiano” vai ressurgir como maracatu autêntico. Carnaval à vista. *Diário da Noite*, 22/12/1964, p. 04.

<sup>28</sup>Saliente-se o fato de que as desconfianças de Paulo Viana para os demais maracatus, expresso em seu texto “**só estávamos contando com o ‘Maracatu Leão Coroado’ como interpretação autêntica e genuína do ritmo trazido da África para as senzalas**” resvala também para uma recusa, mesmo que implícita, no processo que normatizava os concursos carnavalescos da cidade. Ora, tanto o Cambinda Estrela, vice-campeão do carnaval no ano de 1962 (perdendo apenas para o poderoso Elefante, de Dona Santa), como o Almirante do Forte eram grupos que disputavam estes certames e, por isso mesmo, gozavam de certa legitimidade perante os carnavalescos. Assim sendo, se Paulo Viana não os via como grupos autênticos, percebe-se então o grau de complexidade existente nos meandros dos bastidores dos intelectuais e técnicos do poder público que organizavam o carnaval recifense.

que levaram Luiz de França a apoiar Eudes Chagas em sua empreitada para fundar um novo maracatu em 1967, o Porto Rico do Oriente.<sup>29</sup> Podem-se pensar as razões para entender a vitória do Porto Rico em 1968. Antes de tudo, Katarina Real estava interessada no que ela mesma denominou de “resgate de uma tradição” e possivelmente isto era consubstanciado no apoio à iniciativa de Eudes Chagas, que nem estava do lado de Zé Gomes, nem de Luiz de França. Katarina possivelmente apoiava Luiz de França, mesmo que implicitamente, e isto pode ser evidenciado na forma como ela o conceituava (chamava-o de “africano”), e pela maneira como categorizava Zé Gomes, definindo o Indiano pelo termo de “nação híbrida”. A vitória do Porto Rico do Oriente representou também uma possibilidade de “resgate da tradição” por parte de Katarina que, não esqueçamos, foi integrante da COC (REAL, 2001, p. 18 – 21).<sup>30</sup>

A busca pela legitimidade, tendo Madalena como aliada, foi uma das maiores estratégias estabelecidas por Zé Gomes. As disputas com o Leão Coroado estavam marcadas em praticamente todos os campos possíveis de existir. Como fazer frente a dois maracatus “tradicionais” e “autênticos” (Leão Coroado e Elefante) em um primeiro momento (até o ano de 1962, quando Dona Santa sai de cena), que gozavam de plena legitimidade tanto por parte dos intelectuais, folcloristas e do próprio povo de terreiro? Aliás, como fazer para inserir o Indiano em meio a estas tensas disputas pela primazia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras?

Bem, pode-se presumir que Zé Gomes “encenou” parte dos anseios esperados pela intelectualidade e folcloristas da época, dando ao seu Indiano as feições de um maracatu “legítimo”, fazendo do mesmo uma nação de baque virado. Eis a maior razão para que ele abrisse mão dos plenos poderes no Indiano, correndo riscos de perder o controle deste para Madalena. E é nesse momento de intensas disputas com o Maracatu Elefante e o Leão Coroado que se inicia o processo de constituição dessa forma de ser “tradicional” do Indiano.

Esta aproximação com Paulo Viana não foi a única ação tática de Zé Gomes para buscar apoio junto aos “intelectuais” do Recife. Observe-se que mesmo Katarina Real, que não lhe dava muito crédito, revelou ter estado presente em uma das muitas festas organizada por este incrível maracatuzeiro. O acervo de fotos de Katarina Real, arquivada na iconografia da Fundação Joaquim Nabuco, revela que existiram laços entre ela e poderoso maracatu dos anos 1960 e 1970. Esta grandeza foi reconhecida por outras pessoas daqueles anos, a ponto de em 1971, no que tange a distribuição de recursos e subvenções da Prefeitura do Recife, o Indiano ter recebido um valor maior do que o Leão Coroado.<sup>31</sup> Esta não foi a única vez em que o Indiano desbancava este maracatu em relação ao recebimento de recursos por parte do poder público municipal.

A grandeza do Indiano esteve intimamente relacionada com a presença de Madalena em suas fileiras. Em conversas com a Senhora Carmelita, viúva de Zé Gomes e rainha do Indiano nos anos de 1973 a 1999 – último ano em que o Indiano desfilou na passarela – recordo das lembranças nada amistosas em relação à Madalena: “Ela queria tomar o maracatu de meu velho”, “não se contentava

<sup>29</sup>Isto não impediu Luiz de França de tentar ofuscar o processo de legitimidade de Eudes Chagas, levando seu rei e rainha para serem coroados na mesma cerimônia que coroou o rei feito por Katarina Real. Ver: REAL, 2001, especialmente capítulo 7 “A coroação”.

<sup>30</sup>A COC (Comissão Organizadora do Carnaval) foi a responsável pelo carnaval do Recife entre os anos de 1960 até 1972, quando foi substituída pela CPC (Comissão Promotora do Carnaval). Ao longo dos anos 1970, a CPC deu lugar a EMETUR, que foi substituída pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, criada em 1980, e que até hoje divide as responsabilidades de organização do carnaval junto com a Secretaria de Cultura da Cidade do Recife.

<sup>31</sup>Agremiações carnavalescas receberão amanhã dotações para o carnaval 71. *Diário da Noite*, 02/02/1971, p. 03, 1º caderno.

com nada”... Estas foram algumas das “falas” mais marcantes que Carmelita expôs em muitos diálogos que travou comigo. Mas, as mesmas revelam também que Madalena trazia consigo parte da grandeza envergada pelo Indiano durante o período discutido neste artigo.<sup>32</sup> Está claro que no interior do Indiano houve disputas pelo controle do maracatu. E esta disputa teve fim no carnaval de 1972, o último ano em que Madalena empunhou a coroa e o cetro neste maracatu. Ainda assim, apesar das contendas que ocorreram antes do carnaval, Madalena e Zé Gomes marcharam juntos naquele já longínquo ano de 1972 e foram campeões, o último título conquistado juntos, frente ao já cambaleante Leão Coroado.<sup>33</sup>

Nas minhas lembranças sobre as muitas conversas que tive com Carmelita (a viúva de Zé Gomes), recordo as informações sobre dois personagens existentes no Maracatu Indiano. Refiro-me ao “hindu” que trajava um turbante e possuía em suas mãos uma bola de cristal, e o “ministro”, um homem todo trajado de preto e que trazia consigo uma bengala. Estes dois personagens foram lembrados por Ana Márcia, e suas afirmativas me fazem crer que não se tratavam de simples integrantes da corte, mas de elementos fortemente relacionados com a identidade construída pelo grupo articulado por Zé Gomes. O “ministro”, ao que parece, compunha a corte do Indiano, mas não dispunha de um par. Nos maracatus da atualidade não observo a existência de homens dançando na corte sem um par que esteja ao seu lado, sobretudo nos grupos mais organizados. Há nos dias de hoje, forte alusão ao que se convencionou denominar de “casais de corte”, contrapondo-se a prática do maracatu Indiano dos anos 1960 e 1970 em trazer um homem bem vestido e sem par.

Sobre o “hindu”, outro personagem do Indiano, e que foi lembrado por Ana Márcia, Hilzo (ex-batuqueiro do Indiano) e Carmelita, outras questões podem ser trazidas à tona, para uma melhor discussão sobre as identidades deste grupo. O hindu em questão é ao mesmo tempo um homem que usa turbante, semelhante às representações imagéticas dos marajás da Índia, e também alguém que usa uma bola de cristal, possivelmente para ver o futuro das pessoas de seu tempo. Mas o estandarte do Indiano (e que eu alcancei ainda no ano de 1997) trazia o símbolo de um índio, caracterizado pela estereotipia do ameríndio norte-americano, com a cor de sua pele tendendo entre o negro e o moreno e trajando um cocar de penas na cabeça. Este índio, para os informantes acima referidos, representava o símbolo do Indiano, uma vez que o nome do grupo estava associado aos “primeiros habitantes do Brasil”. Ora, o que fazia então um homem com turbante e trazendo uma bola de cristal em meio aos personagens da corte de um maracatu como o Indiano? O grande poder inventivo de Zé Gomes, neste aspecto, é destacado pelas memórias destes antigos maracatuzeiros. Tanto Hilzo como Ana Márcia declaram que Zé Gomes mesclava elementos da Índia, com os índios brasileiros, atribuindo a estes últimos símbolos dos indígenas norte-americanos.

Segundo Ana Márcia, toda viagem que Zé Gomes fazia resultava em novidades para o maracatu. Segundo ela, Zé Gomes adaptava aquilo que via em suas viagens, criando novos personagens, contribuindo para o incremento da performance artística do grupo. Tal prática, consubstanciada na criação e adaptação de novos personagens, contrasta com os discursos que aludem às ideias de tradição do maracatu, “o reino da imobilidade e da imutabilidade”. Este aspecto revela também a característica

<sup>32</sup>Integrei o Maracatu Indiano no ano de 1997 como batuqueiro, o que me permitiu dialogar com os antigos integrantes deste grupo, a exemplo da já falecida Carmelita, rainha do Maracatu Indiano.

<sup>33</sup>Deposta rainha do maracatu. *Diário da Noite*, 20/01/1972, capa; Greve na nação negra em apoio à rainha deposta. *Diário da Noite*, 21/01/1972, capa; Rainha negra não quer paz no maracatu. *Diário da Noite*, 22/01/1972, capa; Rainha deposta não quer tréguas. *Diário da Noite*, 22/01/1972, p. 03, 1º caderno.

de dinamismo existente em Zé Gomes, o que por certo lhe permitia dispor de significativa liderança entre seus vizinhos e pessoas de seu tempo, mas também nos permite perceber que os maracatus, ao contrário do que afirmam alguns ortodoxos tradicionalistas, não constituem o lugar do estático, imóvel e imutável. Havia criação e invenção, revelando um dos motivos que fizeram com que os maracatus chegassem aos dias atuais com o vigor que possuem.

Mas o hindu nos permite especular outras questões... A semelhança nos vocábulos “Índia”, “índio” e “hindu” podem nos revelar que a construção da identidade é mais complexa do que alguns pensam (GOFFMAN, 1985; 1988). Em princípio não há nenhuma relação entre índio e hindu, mas não podemos esquecer que no universo mítico dos homens e mulheres negros do Recife os índios constituem uma categoria mítica da umbanda e da jurema, religiões de grande força entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras do Recife. O hindu pode nos trazer mais alguns elementos para ilustrar esta complexidade, posto que os habitantes da Índia são assim denominados... E a Índia não é nada mais, nada menos do que o lugar onde teria se originado a umbanda, isso ao menos nos discursos de parte significativa de seus praticantes (ORTIZ, 1991; NEGRÃO, 1979; 1994; 1996; MOTTA, 1985; MEYER, 1993; BIRMAN, 1983). Assim, temos dois grandes símbolos que contrastam com as identidades construídas pelos maracatus da atualidade: o índio, no lugar do negro; e a umbanda, substituindo o xangô.

## ALGUMAS CONCLUSÕES:

O Indiano foi um dos maracatus que mais títulos conquistou nos anos 1960 e 1970. Seu cortejo era comparado às agremiações de outros estilos, a exemplo de clubes de frevo e escolas de sambas. Agregava inúmeros componentes, chegando a ser referido como um maracatu-clube nas lembranças de Ana Márcia e de outros entrevistados. O Indiano possuía força, suficiente para ser lembrado por Katarina Real como um grupo que organizava grandes festas com muitas pessoas... Mas, o Indiano não dispunha do agrado dos intelectuais de sua época, a ponto de ser citado como um maracatu-híbrido pela própria Katarina Real. Teria o Indiano sido rejeitado por sua postura em apostar nas invenções e criações? Ou foi a marca de “impureza” na sua “origem” que lhe garantiu a invisibilidade e o quase anonimato dos dias atuais? O que explica o fato de Luiz de França, o maior rival de Zé Gomes, dispor de grande força e significativa memória nos dias atuais, ao contrário do outrora articulador do Maracatu Indiano, que sequer é lembrado pela maioria dos maracatuzeiros e maracatuzeiras da atualidade?

Teria esse esquecimento explicações na morte prematura de Zé Gomes em 1992, contrastando com a grande longevidade de seu oponente, Luiz de França, que faleceu cinco anos depois? Seria o fato de ter sido Luiz de França um homem que se apropriava dos discursos de tradição, e sabia negociar com a sociedade de seu tempo, um dos principais motivos que ajudam a explicar sua notoriedade? E seria o fato de Zé Gomes não ser um maracatuzeiro “típico”, ou seja, homem negro e pai de santo, o que ajudaria a entender seu esquecimento dos dias atuais? Além disso, a memória de Zé Gomes é inversamente proporcional à força de seu nome nos anos 1960 e 1970. O Indiano constituía a maior referência entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras destes anos. Se nos anos 1960 foi o grande rival do Leão Coroado, disputando com este grupo a hegemonia nos concursos carnavalescos, nos anos 1970 o embate foi travado com o Estrela Brilhante, o grupo da antiga rainha e aliada de Zé Gomes, Maria Madalena. O Leão Coroado definhava a olhos vistos ao longo dos anos 1970. Apesar de ter conseguido

arrebatou três títulos ao longo da década de 1970.<sup>34</sup> Mais o Indiano brilhava... E o seu mestre, Natérsio, falecido em 1978, fazia escola com os batuqueiros de seu tempo. Facadinha, Zé de Tânia, Nido do Picolé, Quinina, Neguinho do Caminhão... Exímios batuqueiros de maracatu, alguns destes ainda em atividade nos dias atuais e testemunhas da força e grandeza do Indiano.

Entre os ditos populares, facilmente se percebe a construção de estratégias e táticas, visando a constituição de performances. Zé Gomes e Luiz de França se construíram enquanto homens e maracatuzeiros do seu tempo, mas, devido a diferentes questões levantadas ao longo deste artigo, suas memórias possuem presenças distintas, sendo o outrora líder do Leão Coroado reivindicado e respeitado entre diversos grupos, ao passo que o articulador do Indiano sequer é lembrado entre os mais jovens, tendo suas lembranças restritas a um pequeno grupo de antigos maracatuzeiros, todos com mais de sessenta anos de idade.

O anonimato atual de ilustres maracatuzeiros do passado pode ser explicado por vários motivos, dos quais a ausência de herdeiros, além das formas e modos como negociaram e agiram na sociedade em que viveram. Estes aspectos explicam, portanto, as diferenças entre as memórias de Eudes Chagas, reivindicado pelo atual Maracatu Porto Rico e pelo Encanto do Pina, Luiz de França (tido como grande mestre, professor e mantenedor “das tradições do maracatu”, Madalena e Dona Santa (as rainhas “modelo” de maracatu) de Cosme Damião, Adama, Tercílio, Natérsio e Zé Gomes. O que ajuda a explicar a presença de uns destes nomes, sob a forma de uma “memória viva” em detrimento do anonimato de outros é justamente a legitimidade conferida para as práticas do presente. O conhecimento das práticas e do saber-fazer, bem como a existência de um grupo de seguidores propicia a manutenção de determinadas memórias, mesmo que estas não reflitam, necessariamente, os contextos vividos em suas épocas.

Zé Gomes dispôs de brilho e fama entre seus pares. Conseguiu articular um poderoso maracatu, conquistando títulos e a hegemonia entre os congêneres durante quase vinte anos. Mas, suas performances não lhe asseguraram seguidores, ao passo que Luiz de França, por razões diversas, permaneceu sob a forma de mito e referência entre os maracatuzeiros da atualidade. Eis alguns dos aspectos que nos ajudam a entender os processos de constituição das memórias entre os maracatuzeiros.

<sup>34</sup>1973: Batutas ganha o duelo com Banhistas por dois pontos. *Diário da Noite*, 08/03/1973, capa; 1974: Premiados desfilam e recebem glorificação. *Diário de Pernambuco*, 02/03/1974, p. c1; Vitoriosos desfilam hoje à noite pelo Centro. *Diário de Pernambuco*, 03/03/1974, p. c1; 1979: Protesto na escolha dos vitoriosos *Diário de Pernambuco*, 02/03/1979, capa. “Papo” e “Canindés” saem vencedores. *Diário de Pernambuco*, 02/03/1979, p. a7.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. A calunga dos maracatus. In: **Danças dramáticas do Brasil**. 2º tomo. Belo Horizonte / Brasília: Ed. Itatiaia / INL / Fundação Nacional Pró-memória, 1982.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – A tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Maria do Carmo e RIOS, Luis Felipe. O catimbó-jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 160 – 181.
- CARVALHO, Ernesto Ignácio de. Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2007.
- COSTA, F. A. Pereira da. Folk-lore pernambucano. Subsídios à história da poesia popular em Pernambuco. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo LXX, parte II, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.
- ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 a.
- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 b.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988, 4ª edição.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias**. Recife, 1930-1945. Recife: Edições Bagaço, 2008.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010.

MEYER, Marlyse. **Maria Padilha e toda a sua quadrilha – de amante de um rei de Castela a Pombagira de Umbanda**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

MOTTA, Roberto. Catimbós, xangôs e umbandas na região do Recife. In: MOTTA, Roberto (Coord.) **Os afros-brasileiros. Anais do III congresso afro-brasileiro**. Recife: Massangana, 1985, p. 109 – 123.

MOTTA, Roberto. Religiões afro-recifenses: ensaios de classificação. In: **Revista Antropológicas**, ano II, v. 2, série religiões populares, Recife: Ed. UFPE, 1997, p. 11 – 34.

NEGRÃO, Lísias. **A umbanda como expressão de religiosidade popular. Religião e sociedade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1979.

NEGRÃO, Lísias. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. In: **Tempo Social**, São Paulo, v. 05, 1994.

NEGRÃO, Lísias. Umbanda: *entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*, São Paulo: EDUSP, 1996.

NEIBURG, Federico; PONTES, Heloísa; SOUZA, Jessé; WAIZBORT, Leopoldo; MICELI, Sérgio (orgs). **Dossiê Nobert Elias**. São Paulo: EDUSP, 2001, 2ª edição.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991, 2ª Ed.

REAL, Katarina. **Eudes, o rei do maracatu**. Recife: FUNDAJ/ Ed. Massangana, 2001.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1967.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. Recife: Editora da UFPE, 2010.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema: a tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. **Anthropológicas**, ano 08, volume 15, 2004, p. 99 – 122.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. Nova Iorque: Routledge, 1988.

SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, n. 24, jul – dez, 2005, p. 35 – 65.

TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. Nova York: Paj Publications, 1987.

VANDEZANDE, René. *Catimbó. Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 1975.